



# LETRAS ACADÊMICAS

SUPLEMENTO CULTURAL DA ACADEMIA AMAZONENSE DE LETRAS

ANO IV

Nº 25

novembro-dezembro 95

## EDITORIAL

*Fim de ano. Fim das angústias que, por ventura, tenham surgido e que se vão céleres como a espuma do mar. Fim de ano, repletos de alegrias e venturas, dourando os dias e encantando a alma. Fim de ano, fim de mais uma fase da vida. Vai-se o tempo, vão-se as ilusões e ficam apenas as recordações, boas ou más, de um instante que passou. Fim de ano e início de um novo, a permitir sonhos, esperanças e dias melhores. Porque o fim de ano tem face própria, a significar o nascimento do maior Homem que já existiu como emanção de Deus e agora e sempre lembrado e relembrado no Natal e em todos os dias. Seu significado é sublime, pois traduz todos os anseios como festa de amor e fraternidade. Ele anseja, com Sua presença imaterial, que o sêr humano possa encarar o futuro que vem, com o desejo de receber a dádiva de Deus. Há que esquecer as ofensas, perdoar a quem nos ofendeu, abraçar a humanidade como um todo, pondo de lado tudo quanto possa afeiar o nosso Natal que se completa com o Ano Novo, a exprimir todo o bem que possamos aspirar. Paz na terra aos homens de boa vontade, na sublimação do próprio égo. Olvidemos as tristezas passadas, os sofrimentos que minaram nossa alma e tenhamos fé no que se aproxima, em eterna aleluia de amor. Sabemos que não é fácil viver, mas nesta época do ano, tudo se torna róseo e os desejos brotam como flores que se desdobram na primavera. Tudo é válido e os sonhos mais esfusiantes prometem realidade, na esperança de que se concretizem. Porque Natal e Ano Novo se integram na mesma aspiração de Paz e Harmonia. Sejamos felizes e que tudo de bom se transforme em realidade. Paz na terra aos homens de boa vontade. Aleluia, aleluia, aleluia.*

OYAMA ITUASSÚ

## DOIS POEMAS

### VORAGEM

Jorge Tufic

*Rostos que nunca vi, jacintos murchos,  
cujas sonatas frias me tocaram,  
estes rostos não quero; eles são breves  
no desfile das pálpedras cerradas.*

*Penso naqueles outros, familiares  
rostos de toda vida. Cataventos  
da rua ainda sem nome, alagadiço  
porão da infância, arpejos e trigais,  
dai-me a ver novamente ou mesmo em sonho,  
estes semblantes nunca repetidos  
graves alguns, mas todos inseridos  
na memória dos dias voluntários.*

*Cemitéiro, talvez, dessas lembranças,  
todas, em mim, são rosas e crianças.*

### PARA QUE TODOS SAIBAM

*Somente os grandes poetas  
me fazem sentar à mesa  
e libertar meus dedos da ferrugem.*

*Somente os grandes pintores  
me fazem ver as crianças do mundo  
nas sete cores do arco-iris.*

*Somente os grande músicos  
me fazem pulsar no silêncio do quarto  
como um tumor de salgema.*

*Somente os grande amigos  
me fazem trocar tudo, tudo mesmo  
por um cavaco de prosa.*



FUNDADA EM 1º DE JANEIRO DE 1918  
**ACADEMIA AMAZONENSE DE  
LETRAS**

**Presidente**

Oyama César Ituassú da Silva

**1º Vice-Presidente**

João Chrysostomo de Oliveira

**2º Vice-Presidente**

Robério dos Santos Pereira Braga

**Secretário Geral**

Octávio Hamilton Botelho Mourão

**Secretário Adjunto**

Manoel Bastos Lira

**Tesoureiro**

Ruy Alberto Costa Lins

**Bibliotecário**

Max Carphantier

## EXPEDIENTE

Letras Acadêmicas é um Informativo Bimensal da Academia Amazonense de Letras.

**Diretor:** Oyama César Ituassú da Silva

**Impressão:** GRAFIMA - Gráfica Industrial de Manaus Ltda

**Endereço:** Academia Amazonense de Letras  
Rua Ramos Ferreira, 1009  
Telefone: (092) 234-0584  
CEP: 69.025-010  
Manaus - Amazonas  
Brasil

**EM TOM DE SALMO**

ALENCAR E SILVA

*Quantas vezes eu não terei mergulhado  
em teus rios dourados!*

*Quantas vezes  
teus castos ventos me arrebataram  
em seus veus cariciosos!*

*Quantas vezes eu não terei adormecido  
em teus prados em flor  
aprisionando nos olhos  
o azul e a benção dos teus astros!*

*Quantas vezes  
eu não me carreguei das pedrarias  
e dos cubos de luz do teu Sol  
como um pequeno Deus  
refletindo os matizes de tua glória!*

*Esse era o tempo em que habitavas em mim  
e eu te refletia com a mesma placidês de um regato  
e a alegria ruidosa das cascatas.*

*E não havia então diferença entre o meu ser  
e as coisas do teu agrado.*

*Até que veio o granizo  
e uma nova paisagem começou para meus olhos.  
Paisagem mil vezes digerida e vomitada,  
onde não sou se não uma inquietação que te presente,  
enquanto a noite cresce com suas luzes geladas  
e apaga o caminho que me conduzirá de volta  
aos teus rios dourados.*

## "MEDICINA E ESTÉTICA"

Ramayana de Chevalier

Meu muito querido Djalma:

Fazia frio, um destes frios bandeirantes, quando recebi - sursum corda! - a tua oração de formatura, seguida do formoso discurso do nosso Estacio de Lima. E como se iluminou a minha alcôva da rua Guayanazes, nestes Campos Elyseos tranquilíssimos...

De braço com a alegria, entrou-me pelo quarto a Saudade, o crime de viver nas distâncias mortas, como se me fôsse possível voltar o livro para relêr os primeiros capítulos do meu drama, lá onde os versículos tem um sabôr acre de sangue, mas não conhecem o sabôr salinôso da lágrima. Enfim, na investidura de Cavaleiro do Santo Graal tivêste a tua hora consagrada. Lembras-te do Rei Arthur? Henry Tomas pergunta: - seria possível reviver a Tavola Redonda no século XX? Não creio. Para mim Djalma, o último instante dos cavaleiros do rei Arthur foi escrito com a ultima palavra de Cervantes. A ironia matou o sonho cavalheiresco. Daí a intensa nebulosa de saudades que me invadiu quando comecei a lêr divino instante! - o teu discurso admirável, das ogivas de um pórtico, romântico ao conteúdo poderoso de uma cultura que seria, como a de Will Durant, entrelinhada de sorrisos. As palavras morrem no olvido, dizem os exegetas de polimpsestos. Que segredo, que inebriante segrédo, falseadôr das leis físicas, melhormente, descobridôr de novos caminhos, será aquele que faz das parêdes vetustas de nossa faculdade, o búcio que recolhe a ressonância de todas as nossas emoções primaverais? Não mórrem as nossas palavras. Ali ficam, fagocitadas pelos bronzes e pelas bancadas, eternizando a nossa hora de deslumbramento interior!

E lá ficaram as minhas assombrações, lá se comburem, em faíscas, as alucinações magnificas do Olavo, lá se perpetuam as tuas frases, claras, nitidas, cristalinas como veios sob a folhagem.

Onde andamos nós que nos perdemos no espaço e no tempo, oh! meu egrégio Cavaleiro do Santo Graal? Onde andarão

os trapos irôtos de nossas esperanças, onde se empalâram os corpos desnudos de nossos ideais, oh! remanescente da Tavola Redonda?

Bahia!... Não é a ciência que te analisará a Fôrma Interior. É a música arruaqueira dos foliões, é a garganta sêca das nulheres de quadris gelatinosos, é o rouco ventriloquar da cuica sonâmbula...

*"Nas sacadas dos sobrados  
da velha São Salvador,  
a lembrança das donzelas,  
do tempo do Imperador..."*

O samba que estilisa, que define, que sintetisa mais densa e humanamente que todas as nossas erudições causticantes... O samba! Esse prodigio da alma nacional - meu Brasil - que emocionou Walt Disney e fêz cócegas na sensibilidade de Orson Welles...

E, logo a seguir, a igenuidade do "lead" amerindio ou afro-cabôclo acutila o nosso flanco:

*Você já foi à Bahia?  
Não?  
Então vá!...*

Então vá! Vá Brasill, vá ver o seu bêrço e nunca mais se esqueça; vá ver o Brasil como nasceu; vá ver como coleiam as ladeiras amáveis, cheirosa de acarajé, por onde rolaram ladeiras amáveis, cheirosos de acarajé, por onde rolaram lábios das "morenas do tempo do imperador"... Então vá sentir como se observem raças na igajaba da velha urb patriarcal, aquelas ruas que tem nomes de santo ou de poemas, e aquelas igrejas rutilantes e suntárias que fôjem para o céu, convidando-o a visitar a Bahia... Então vá pensar entre as muralhas do Montserrat, na sôrte dos canhões sem alça, que se eriçavam ao bôrdô das corvetas lusas ou odas fragatas de Castela. Então vá sentir como a noite é aromal, como não há só garimpo entre os pedrais hirsutos de Lavras Diamantinas, mas no fundo das órbitas das criaturas sensitivas e ondulantes que Deus lhe de! Então vá beber a água de côco e degustar o carurú seivôso ou o escabêche de siricaia, ou a muquêca de

pampa da espinha mole, nas sombrias devêzas que se afundam nos arrimos das ladeiras hispidas da Conceição, da Gameleira, da Lapinha. Então vá sorvêr o ar mais puro do mundo nas enceadas lascivas de Amaralina, nos areiais escampas da Pituba, onde o frango assado vale um amor e o violão ainda exerce o seu prestígio emocional. Então vá morder a cuia do mungunzá, o esferoide gostoso do abará, a massa suculenta do aberê, a mistura picante do **Efô de fôlha**, à beira dos taboleiros rendilhados, ao lado dos fogareiros acêzos eternamente em louvor de deus-cabungo dos candomblês, enquanto a ronda despreocupada e saltitante das mulatas giro-vaga tomando **liberdades** com os **seus doutôres**, que não são mais do que adolescentes imberbes, egressos do nordeste ou da Amazônia, cheios de ternura e de estultície...

Então vá! Vá Brasil, va vêr o seu bêrço e nunca mais esqueça, porque,

*"Quem vai ao Bomfim minha nêga,  
nunca mais quer voltar!..."*

Então vá! Foi o que fizemos, meu caro Djalma, foi o que fizemos... Fomos... E depois?

O samba tem razão. Nós não voltamos mais!...

Manda sempre carícias espirituais como esse discurso fúlgure que me enviaste. A elegância moral e física do teu pai se continuou, em encadernação digna do editôr, no teu talento sutil e robusto, tão do gôsto daqueles Estacio, - **pieuvre** hugôana da nossa velha Faculdade.

Lembro-me bem: - um longo corredor lateral debruçado sôbre o jardim interior da Escola, onde os nossos pés nunca pisavam, ansiosos dos "papos" do Perez, do Madrid, da "Americana", do Pau da Bandeira...

Diabo! as glandulas são discredionárias!...

Ao longe, depois da lombada cinzenta, saliência externa das arcadas do Anfiteatro Britto, os mais avançados, doutores do quinto ou do sexto, apontavam, para nós, o quadro distante, dizendo, enfáticos:

- O NINA!

E aquilo era como se dissessem: - Só daqui há alguns anos, vocês poderão estudar no NINA!

E o que era o NINA? Um pedaço de casarão arcáico, acinzentado como se nas suas paredes se esculpisse toda a saudade dos que saíam, em caixões negros e sinistros...

O necrotério do NINA! Quantas vezes briguei, com serventes e bedéis por causa de um cadáver para o estudo de nossa aperrriada Anatomia biribiana! Veja-se a ironia do Destino! São os "cadáveres" que brigam, hoje, por minha causa!... Enfim... Você já foi à Bahia? Não? Então vá pensar nos dois esteios do NINA: - um cérebro e um coração. Um cérebro que é o Estácio; um coração que era o Evaristo! Bronco, rude, obrutalrado, um tódo de mastodonte com um coração de geléia... Precisamos estudar o coração, Evaristo! E o Evaristo abria um negralhão estatelado sobre a pedra, dava-lhe uma ducha de torneira, munia-se de suas luvas que pareciam as do Joe Louis, e abria o **de cujus** sem cerimônia. Breves momentos de expectativa nervosa de nosso lado - homenzinho de buço amanhecendo - e o coração com seu pericárdio tímido, amarelado, arranholidado de arteríolas e de troncos sobremontantes, sugia vitorioso. Mas aíl de quem perguntasse pelo nódulo de Tawara ou pelo feixe de His...

Era como certas mulheres, que sabem mostrar o caminho, mas não entendem nada dos mistérios da Vida...

Essas evocações, que me viéram na tarde fria, empoada de garôa bandeirante, tiveram, a entretecê-las nos "rayons" da carícia, o sublime espetáculo de tua cultura, de tua inteligência, através do teu discurso flamívomo passeio admirável pelo país do Apólo-Rei.

A evolução, do criticismo, que se nota, seguro e fértil, no teu trabalho, teve pontos de tal repercussão no meu espírito, que seria inútil tentar resistir à sedução de correr - êsse bem o termo - correr pelas tuas pegadas, rumo ao supremo Ideal dos médicos e, dos artistas.

A medicina *carrelliana* do século XX recompôs, penso, todas as angústias rudi-

mentares dos alquímicos das horas sombrias. Pesquisar somente, parece materialismo soêz. Espiritualizar a Ciência, dando-lhe a luz das indagações ecléticas, chegando mesmo até os territórios intangidos do supermentalismo, do metapsiquismo, como esse sábio que inebria os corredores da Harvard fez diante dos milagres de Lourdes!

"Todas as vezes que leio Molière fico estupefacto" dizia Goethe. Seria Molière maior que o gênio do "Fausto"? É essa interdependência dos espíritos e da cultura, que me faz confiar na permanente admiração que nutro por almas e talentos como o teu. Abres um velário e falas naquela "Guerra-Medicina às Avéssas", de tudo aquilo que sentimos e pensamos nas galerias de nossa velha Faculdade. Ódio à doença e ódio à Guerra, não porque ela traz a luta, mas porque ela faz morrer sem justiça. Entenda-se bem: - não é ódio à morte, que nós sabemos-la bem útil e necessária. Ódio sim, aos designios da guerra, que realiza uma cacotanásia compulsória (não seria êsse o neologismo que se opõe à Eutanásia?), trucidando os elementos fortes, capazes, enquanto preservava, nas retaguardas, a invalidez dos que se eximem pela própria condição, à sina de matar o semelhante. Ao depois, como se ainda estivéssemos batidos pelos reverberos dos candelabros da Bahia, evocas a figura de Andrew Manson numa alegoria.

"Cidadéla" é uma síntese de nossa dôr. É uma paisagem do Mundo. Si a "natureza é a cidade de Deus", então sejamos, como queria Voltaire, os seus jardineiros. Mas jardineiros de "Carvalhos e Roseiras" e nunca jardineiros de "couves", como investivava Ruy.

Uma coisa me doeu na tua alocução dionisiaca: - tangêste, numa referência sobre o modo humana, o nome de Keats, aquele poeta inglês, desalentado e merencóreo, cujo destino tem semelhanças com o meu.

Como ele, dentro das tardes nevoentas deste sul, tenho "sentido crescerem sobre mim as margaridas"... Dai a minha adoração pelas necrópoles. O meu entranhado amor aos ciprestes e aos álamos, essas sentinelas da suprema quietude.

E o que fizeste, com a publicação do

teu lindo discurso meu grande estêta, se não evocar os nossos próprios avatares?

Que somos nós agora, senão sombras do passado, de uma hora eterna que se foi para outras esferas, ou que então ficou lá, se continuando nos que, felizes sem o sabêr, lhe sórvem os aromas olímpicos?

Bela noite, a tua. Linda noite de verão mental! Estou a vêr o sereno, cheio de sorrisos e de graças, quando desfilavam pela porta lateral da Igreja, os rapazes becados para a consagração sacerdotal de hipocrates.

E a tua voz, enchendo o salão convulso de luzernas, onde os cabelos brancos dos mestres, contrastavam com os cabelos negros do Mestre, esse paraninfo ideal cujo espírito segue, como aquele morcégo shakespeareano, no vendaval, a marcha veloz da hora presente!

Fechei o teu livro, e meditei sobre o teu ofertório. A terceira força de Fullop Muller estava em ti, àquela noite. E, mesmo que não o quizesse, a noite baiana, semeada dos céus, baixava sobre tua frente de Perseu o milagre dos colorismos astrais.

Vou parar. Pela minha janela, da qual vêjo, pelos fundos do Palácio dos Campos Elyseos, o perfil do Interventor Fernando Costa devorando orçamentos para a economia e a grandeza de S. Paulo, entra agora o pregão de um vendedor de rua. O seu acento é peninsular. Lembra gondoleiros venezianos ou mistérios de sextas-feiras da paixão, sob as muralhas de Sevilha.

E sabes o que vai mercando esse forasteiro dos arruados de Piratininga?

Côco Verde!

Bólas! Tenho vontade de meter esta minha cabeça malaia pelo quadrilátero da janela e gritar para o idiota carcamano:

"Você já foi à Bahia?

Não?

Então Vá..."

Gratissimo pelo presente de festas que me mandaste, aqui fica o teu "ex-corde"

## DÉCIMAS À CIDADANIA

**Elson Farlas**

*Todos os a os da vida  
os mais altos e os menores  
o bem estar das crianças,  
a segurança dos velhos,  
a higidez da juventude,  
a escola bem dirigida,  
a educação esportiva,  
ideais da bôa ação,  
é forçoso que se diga  
- depende do cidadão!*

*O comando do governo,  
a sociedade fraterna,  
a escolha dos governantes  
- bons ou maus, seja quem for  
a limpeza da cidade,  
o convívio social,  
o preço da moradia  
e das roupas e do pão,  
é forçoso que se diga  
- depende do cidadão!*

*Mesmo o amor com que se doe  
o nosso exclusivo afeto,  
a mão amiga espalmada  
para proteger os fracos,  
o pulso forte e seguro  
para conter os poderosos  
a indomável rebeldia  
que nasce do coração  
é forçoso que se diga  
- depende do cidadão!*

*Por isso peço aos amigos  
que aprendam esta lição  
mais valem quando unidos  
cidadão com cidadão,  
pois sem somarmos esforços  
não vale nem ser cristão,  
porque além do nosso mundo  
estrito, sem alegria,  
é forçoso que se diga  
- depende do cidadão!*

## NOTAS ACADÊMICAS

☞ Nosso confrade João Crisóstomo de Oliveira, foi entrevistado pela TV Record, sobre sua vida e aspectos da educação no Estado. Bela entrevista, pois o acadêmico discorreu com bastante conhecimento do assunto.

Nos meses de novembro e dezembro, festejaram seus natalícios os seguintes acadêmicos:

### **Novembro**

19 - Mendonça de Souza

28 - Antisthenes Pinto

### **Dezembro**

12 - Carlos Araujo de Lima

15 - Arlindo Porto

Todos foram cumprimentados pelo Presidente.

☞ A assembléia geral decidiu que os academicos deveriam contribuir para a manutenção da Academia, providência que se fazia necessária para o prosseguimento da programação. Tendo sido interrompida a autorização do Govêrno do Estado quanto à publicação das "Letras Acadêmicas" e a Revista da Academia, o assunto foi solucionado pelo Presidente, que vem mantendo a edição das primeiras, já atualizadas, estando presentemente no número 25, com isso encerrando o ano de 1995.

☞ O acadêmico Oyama Ituassú entregou a Grafima Ltda., a composição e impressão de seu romance "Um rio e suas estórias", cujo lançamento será em fevereiro próximo.

☞ O Acadêmico Max Carphentier lançou, no dia 1º de dezembro, seu trabalho "Nossa Senhora de Manaus", completando assim sua trilogia iniciada com os trabalhos "Orfeu de Nazareno", e "Nossa Senhora das Águas".



## NOTAS ACADÊMICAS

☞ No dia 30 de novembro realizou a Academia sessão solene de homenagem ao Japão, festejando assim o centenário na imigração japonesa no Brasil e particularmente no Estado. O orador foi o acadêmico Moacir de Andrade. Com a presença de autoridades, cónsules e pessoas gradas. O Presidente, na abertura da sessão, ressaltou a grande contribuição japonesa para o desenvolvimento da região.

☞ Reuniu-se a assembléia geral da Academia dia 24 de novembro, para apreciar o projeto de reforma dos estatutos da Casa. O assunto principal discutido foi o estabelecimento

do critério a ser adotado na eleição para a diretoria, ficando o Presidente incumbido de redigir a respectiva regulamentação, dentro do que foi decidido, a ser apresentada na assembléia marcada para 4 de dezembro. Com algumas alterações, as normas foram aprovadas, entrando imediatamente em vigor.

☞ Realizar-se-á a eleição da nova diretoria no dia 22 de dezembro, concorrendo duas chapas: uma tendo como candidato à Presidência o acadêmico Robério Braga e a outra contendo o nome do atual Presidente, candidato a reeleição.

As inscrições das duas

chapas foram marcadas para até o dia 12 de dezembro.

☞ A academia recebeu duro golpe consternador, com o falecimento súbito do acadêmico Paulo Pinto Nery, ocorrido no dia 16 de novembro. Estando ausente o Presidente que se encontrava no Rio de Janeiro, o discurso de despedida da Academia foi proferido pelo acadêmico Arlindo Porto, traçando os pontos marcantes da personalidade do extinto, cuja perda foi profundamente lamentada.

No dia 16 de dezembro, a Academia prestou homenagem ao extinto, em sessão especial.

FELIZ  
NATAL



PRÓSPERO  
1996

